



# 13<sup>a</sup> REUNIÃO REGIONAL SUDESTE ANPEd

EM DEFESA DA EDUCAÇÃO PÚBLICA, LAICA E  
GRATUITA: POLÍTICAS E RESISTÊNCIAS

2620 - Trabalho Completo - 13a Reunião Científica Regional da ANPEd-Sudeste (2018)  
GT 03 - Movimentos sociais, sujeitos e processos educativos

Resisti à violência!: Um relato de uma estudante da rede pública de ensino.  
Kátia Batista de Medeiros - PREFEITURA MUNICIPAL

## RESUMO

O século XXI se apresenta como o século dos avanços, da tecnologia, da proximidade virtual, das mudanças de poder e regimes políticos. Apesar disso, da roda dos Expostos à criação do ECA, a infância parece ainda estar à margem desses domínios, no que diz respeito efetivamente à legitimação de sua defesa, a não exclusão, tortura, exploração, espancamento, abuso etc. Um dos espaços destinados à educação e formação global é a escola que assiste a um cenário de violência contra "seus" alunos dentro e fora de suas paredes. Partindo-se do pressuposto de que ela favorece o desenvolvimento da subjetividade infantil, pergunta-se como a escola tem se colocado diante do fenômeno da violência contra esses sujeitos? O presente estudo tem como proposta levantar as construções discursivas de uma criança vítima de violência, refletindo sobre as relações de poder implicadas nesse fenômeno, além de ressaltar o papel da escola frente à criança vítima de violência. Pretende-se ainda, levantar as estratégias de resistência realizadas por ela em sua fala. A metodologia do artigo foi o estudo de caso. Para a análise, utilizamos os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, na convergência à teoria winnicottiana.

**Palavras-chave:** infância, violência, resistência, educação.

**Resisti à violência! Um relato de uma estudante da rede pública de ensino.**

## RESUMO

O século XXI se apresenta como o século dos avanços, da tecnologia, da proximidade virtual, das mudanças de poder e regimes políticos. Apesar disso, da roda dos Expostos à criação do ECA, a infância parece ainda estar à margem desses domínios, no que diz respeito efetivamente à legitimação de sua defesa, a não exclusão, tortura, exploração, espancamento, abuso etc. Um dos espaços destinados à educação e formação global é a escola que assiste a um cenário de violência contra "seus" alunos dentro e fora de suas paredes. Partindo-se do pressuposto de que ela favorece o desenvolvimento da subjetividade infantil, pergunta-se como a escola tem se colocado diante do fenômeno da violência contra esses sujeitos? O presente estudo tem como proposta levantar as construções discursivas de uma criança vítima de violência, refletindo sobre as relações de poder implicadas nesse fenômeno, além de ressaltar o papel da escola frente à criança vítima de violência. Pretende-se ainda, levantar as estratégias de resistência realizadas por ela em sua fala. A metodologia do artigo foi o estudo de caso. Para a análise, utilizamos os pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, na convergência à teoria winnicottiana.

**Palavras-chave:** infância, violência, resistência, educação.

## INTRODUÇÃO

O mundo do século XXI se apresenta como um momento histórico da tecnologia, de avanços, da proximidade virtual, do descartável, das mudanças de poder e regimes políticos, da presença de mulheres e afrodescendentes em posições de liderança e da infância e adolescência fazendo parte do mercado de consumo. Muitas transformações, em que novos cenários, espaços e posições são conquistados por novas gerações que reivindicam, agem e presenciam esses fatos. Minorias se apoderando de espaços de representação. Há diversos discursos de legitimidade e busca de participação ativa de vários segmentos sociais.

Mas e a infância e adolescência nesse cenário? Teriam os mesmos espaços de representação? Para a busca dessa resposta, é necessário voltarmos à história da infância, na busca de explicarmos o processo pelo qual a infância se

constituiu como construção discursiva. O presente artigo é parte da tese *Resistências de crianças e adolescentes vítimas de violência doméstica e a escola na rede de proteção*.

No Brasil, o cenário de violência, negligência, abandono e descaso deixou marcas em gerações. Nos pátios dos colégios, nos corredores das Santas Casas, nos asilos, nas casas, no seio familiar, nas ruas e esquinas, meninos e meninas tiveram que contar com a própria sorte e criar estratégias para superar essa situação. Os avanços no campo da legislação e espaços representativos da infância – em especial a escola – nascem nos séculos XVII, XVIII e XIX. O conceito de família pode ser apontado como outra “criação” significativa. Mas foi o século XX que presenciou a criação de códigos, estatutos, locais de legitimação e cuidado. Contudo, apesar dos avanços e conquistas dos direitos e leis de proteção, da roda dos Expostos à criação do ECA, a infância e adolescência parecem ainda estar à margem desses domínios, no que diz respeito efetivamente à legitimação de sua defesa, a não exclusão, tortura, exploração, espancamento, abuso, etc.,

Evolução? Conquistas? Proteção à infância? Os índices ainda são alarmantes no que tange à violência e à necessidade de fortalecer a proteção. UNICEF, OMS, MEC realizam campanhas. Varas da Infância, Conselhos Tutelares e Escolas tentam muitas vezes de forma ineficaz combater tal fenômeno. A questão posta é a de que a família está como uma das “instituições” que mais ferem esse “sujeito”.

Tomando como tema a violência contra a criança e o adolescente no mundo contemporâneo, o que me moveu a realizar esse trabalho é tentar compreender o desenvolvimento de estratégias de resistência e o papel da Escola nesse contexto. Estudar violência não é algo fácil. Áreas como saúde, assistência, psicologia e direito escrevem e discutem sobre violência. Mas parece que educação não tem o mesmo empenho. Há discussões sobre *bullying*, as ações de violência (como brigas entre alunos, agressões contra professores e depredações de prédio) são temas de noticiários, redes sociais, debates.

Pensar nessas estratégias certamente remete à chance de analisar a partir de suas histórias, o espaço que as cercam, as relações de poder e punição que vivem. Que escola é essa que se apresenta como espaço de representação e até pertencimento à criança e o adolescente? Quem são esses sujeitos?

Para analisar o material linguístico produzido pelo sujeito da pesquisa, Ana (nome fictício) lançamos mão dos pressupostos da Análise do Discurso de linha francesa, tomando como fundamentação teórica a noção de sujeito e discurso, e alguns conceitos da Psicanálise, a partir da teoria de Winnicott.

O *corpus* dessa pesquisa se consistiu em gravações e transcrição de falas de uma criança vitimizada pela violência em atendimentos psicopedagógicos, pela pesquisadora na rede Municipal de Educação e do Desenvolvimento Social da cidade de São José dos Campos – SP. Como metodologia, o presente estudo buscou realizar pesquisa de campo, com os diferentes segmentos que compõem a rede de proteção à infância, destacando a atuação da Educação, do Centro de Referência Especializado de Assistência Social-CREAS e do Programa Aquarela. O sujeito ouvido foi encaminhado pelos Responsáveis pelas Unidades Escolares.

## ANÁLISE

Ana morava com a mãe, o irmão mais velho e o padrasto. Foi vítima de violência sexual perpetrada pelo padrasto. Sua mãe tinha conhecimento do fato, mas manteve-se silenciada por ameaça do padrasto. Contudo, o irmão faz a denúncia para a polícia. Ana realizou exame de corpo de delito, e foi detectada que houve o estupro. Ana realizou exames e, felizmente, não contraiu HIV. Contudo, faz uso da profilaxia de medicação específica para evitar a manifestação do vírus. Realiza exames periódicos.

É aluna da Rede municipal de educação de São José dos Campos. Apresenta dificuldades de aprendizagem, em especial nas questões ligadas à alfabetização. O relatório da escola aponta para essa questão. Ainda que haja elogios a seu comportamento, as questões de aprendizagem são preocupações da professora, que relata que ela se apresenta como dispersa, desatenta e pouco focada na leitura e escrita.

Após a denúncia e apuração dos fatos, Ana foi morar com a madrinha e o marido. Seu irmão mora com a namorada na casa dela e de seus pais. Ana é atendida no CREAS por psicólogo e Assistente Social. Seguem trechos significativos de seus depoimentos:

Pesquisadora: Fale um pouco da sua vida lá na escola. Como é seu dia-a-dia e as coisas que você faz?

Ana: Ah, é muito legal, eu gosto.... é meu chatinho!

Pesquisadora O que é meio chatinho?

Ana: Estudar e escrever.

Pesquisadora: Estudar e escrever? Por que você acha chatinho?

Ana: Porque a gente... a minha professora quer que a gente pinte forte, escreve maior forte.

Pesquisadora: A escola é importante para a sua vida?

Ana: Eu acho que sim. A gente tem que aprender muitas coisas, aí pra não gente não ficar meio desatento, e aí a gente estuda. É que eu gosto de estudar, mas mais ou menos... (e sussurra) EU ODEIO ESTUDAR, (peço que repita) EU

*ODEIO ESTUDAR. Eu não gosto!*

Pesquisadora: Por quê?

*Ana: Porque a gente tem que ler. E eu não sei ler. A gente tem que escrever. Mas eu não sei escrever.*

Pesquisadora: Se você soubesse você não odiava?

*Ana: Não. Meu único problema lá na escola é esse: ler e escrever.*

Quando você crescer, o que quer fazer?

*Ana: Quando eu crescer quero ser médica.*

Pesquisadora: Médica? Por quê?

*Ana: Porque a gente tem que ajudar os moço. Aí quando a gente chegar lá, e a papelada?*

Pesquisadora: É... médico escreve bastante, não é?

*Ana: É a gente tem que pegar o lápis e? (Pega uma folha fazendo de conta que está escrevendo algo) e escrever lá o que que a gente tem que consultar, e depois o que tem que consultar... eu gosto disso, mas o importante é que eu quero ler, e escrever. Todo mundo manda eu ler... mas eu leio tudo errado.*

Pesquisadora: Você quer ser médica de criança, de adulto, ou o quê?

*Ana: Quero ser de criança e adulto, porque é... que eles são legais. A gente dá injeção. A gente dá insulina pra eles. Dá remedinho, cuida deles no hospital. Ai por isso que eu gosto. Eu gosto de ajudar os outros. Eu falei pra minha tia comprar uma roupa de uniforme pra mim. Porque quando alguém ficar doente eu já tenho o uniforme. Hoje eu já tenho uma Barbie de médica.*

Winnicott ressalta que a perturbação é uma característica conflitante pela qual a criança passa. O ambiente capacita a criança a ter um bom começo no desenvolvimento pessoal. O processo maturacional tem uma chance para ser estabelecido até certo ponto por conta da facilidade que o ambiente pode oferecer. Contudo, em casos como o de Ana, encontramos um lapso ambiental – o abuso sexual feito pelo padrasto. A consequência é o bloqueio maturacional.

Esse boqueio ou a reação da criança a novas ansiedades interrompem o curso da vida da criança. Deve existir uma espécie de recuperação, mas agora há um hiato na continuidade da vida da criança, *do ponto de vista da própria criança*. Poderá haver um agudo estado confusional na fase entre a falha ambiental e o que mais se possa verificar no caminho da recuperação. Na medida que a criança não se recupera, a personalidade permanece relativamente desintegrada e a criança se torna clinicamente inquieta e dependente da direção de alguém ou reprimida por uma instituição. Tao logo haja uma recuperação, pode-se dizer que a criança (a) passará a maior parte do tempo numa espécie de estado de depressão, angustiada sem saber o motivo, e posteriormente (b) a criança começa a se recuperar. (WINNICOTT, 1984, p. 229)

O médico é aquele que “cuida” do outro, como Ana aponta, dá “remedinho” – a palavra no diminutivo remete a certa doçura, cuidado, meiguice. Ana esteve no Hospital Municipal de São José dos Campos para a realização de exames necessários no processo do pós-abuso. Pelo discurso, vivenciou momentos importantes de cuidado. O uniforme, a injeção, o remédio, são elementos significativos na área da saúde. A menina, por conta da experiência positiva, apresenta o desejo de recuperação. Assim que ela aprender a ler e escrever, deixará o processo de exclusão, fazendo parte do sistema-ambiente que lhe impede de ser parte. O sentimento de pertencimento é algo necessário para o ser humano, em especial para a criança. Cuidar do outro, nesse caso, pode ser considerado um processo de recuperação e reparação.

Ana destaca em seu relato que está morando em uma casa nova agora. Ela se mudou de casa devido à situação vivenciada. A Promotoria da infância determinou que Ana ficasse sob a tutela da madrinha.

Pesquisadora: Me conte como é sua vida lá na sua casa?

*Ana: É bom, eu gosto.*

Pesquisadora: Você está em uma casa nova.

*Ana: Sim. Tipo assim: a casa nova que tô morando é legal. E a casa antiga não era, porque tinha um “fedido”<sup>[1]</sup>*

Pesquisadora: Quem morava na outra casa?

*Ana: Morava na outra casa era a mamãe, o Fedido e eu e o Pedrinho, que é meu irmão mais velho. Não, mas aí ele saiu de casa. Ele foi namorar com a namorada dele e saiu de casa. Mas agora ele quer voltar pra casa.*

Pesquisadora: Então ficaram morando na sua casa vocês três – você, sua mãe e seu padrasto.

*Ana: É. O Pedrinho saiu e ficou nós três. Aí depois o Fedido foi embora, porque a mamãe Esmeralda mandou ele embora e só ficou a mamãe e eu fui pra outra casa. Aí só ficou a mamãe Esmeralda. Eu fui pra casa da tia Josefa. Lá mora eu, sr. Lírio, a Bromélia e a Violeta<sup>[2]</sup>. Ela paga aluguel, mas todo mundo mora em casa separada. Só mora eu e a*

Dindinha.

Pesquisadora: *E o que mais você gosta da sua vida?*

Ana: *Eu gosto de brincar. De boneca médica.*

As crianças que, como Ana, encontram-se em situação de privação, em muitos casos, são retiradas de suas famílias, encaminhadas para abrigos ou para lares de familiares, a fim de retirá-las da situação de risco ou da violência perpetrada. Os que não podem mais voltar podem ainda ser encaminhados pela justiça para adoção. Quando estas crianças têm a possibilidade de falar, revelam sua dificuldade de compreender o que de fato aconteceu, relatando suas angústias e incertezas sobre sua vida futura. Felizmente Ana demonstra estar segura na casa a madrinha. Durante a descrição de seu novo momento, contudo, não nomeia seu abusador, mas usa um predicativo – o Fedido. Ainda que possa parecer distraída durante a descrição, permanece atenta – ainda que de maneira inconsciente – à negação quanto à nomeação dele.

Esse predicativo pode ser associado ao sentimento de repugnância que a criança sente em relação ao contato de seu corpo com o corpo do outro (e os odores que são produzidos – suor, perfume, sêmen, etc.) durante o ato sexual. O horror e aversão de Ana para se livrar desse medo e dor se materializam em forma de nojo, provocando intensa retração psíquica. “Este afeto encontra no mutismo sua melhor proteção”. No caso de Ana, o silêncio é trocado pelo nome, que a ela soa como um conforto por não ter que nomear seu ofensor. Essa é a primeira estratégia de resistência que Ana apresenta em seu relato. Ana revela seu nojo através da fantasia e da troca de nomes (ofensor/Fedido), em especial porque ele é seu padrasto; alguém que morava em sua casa e, em tese deveria, junto a sua mãe cuidar, proteger e amar a menina. Esse mecanismo psíquico evita – e resiste – ao ataque do agressor e também exerce um papel de proteção contra “o excesso de excitação (potencial de excitação) ao qual está exposta”. (Barbosa, 2004, p. 31)

Ana precisa vivenciar o fantasiar e o sonhar, por um lado, e o viver real e o relacionar-se a objetos reais, por outro. Em situações de dissociação isso pode ficar inacessível. Nas palavras de Winnicott (1975, p.45), “fantasiar continua sendo um fenômeno isolado, a absorver energia, mas sem contribuir quer para o sonhar quer para o viver.”

Como brincar poderia ser considerada uma estratégia de resistência? Porque nas palavras de Winnicott, o natural é o brincar. Brincar é um sinal de saúde. Para o teórico, a Psicanálise é um fenômeno altamente aperfeiçoado do século XX. O analista deve reconhecer o que é devido a Freud, mas também precisa reconhecer o que é natural e universal que se chama brincar. Winnicott (1975, p 74,75) chama a brincadeira de autocurativo. Isso porque, quando a criança brinca, ela tem uma certa *experiência*<sup>[3]</sup> de controle mágico, uma ‘onipotência’ presente nos processos intrapsíquicos.

E acrescenta que o brincar é por si mesmo uma terapia. Quando uma criança brinca, realiza um ato psicoterápico de “aplicação e universal, que inclui o estabelecimento de uma atitude social positiva com respeito ao brincar.” (Op. Cit., p. 75)

Nos registros dos abusos realizados pela rede de proteção, há a descrição de sexo oral realizado no abusador por parte de Ana. Por isso, há a presença dos verbos como engolir, comer, e a fruta que se apresenta na fantasia de Ana é manga.

Se Ana não tivesse sido “salva”, não conseguiria superar a dor, pois o restinho teria sido jogado fora. Novamente Ana cita a mãe. Agora, a mãe da manga – sem ter um nome atribuído a ela, chora. A culpa poderia ser manifestada nessa ação.

Segundo Sanderson (2008), a culpa e a vergonha são comportamentos resultantes da estigmatização e podem ser considerados características do impacto psicológico, afinal, a autoestima torna-se diminuída. Sofrimento (a presença do choro em seu discurso) e depressão também podem estar presentes. A criança se sente incapaz de se proteger e parar o abuso. Por isso, Ana (a manga), ao sentir que algo nela foi morto, aniquilado, vai para o céu em busca de Deus (como agente protetor) para salvá-la e lhe dar amigos e proteção. Além disso, ele é quem lhe dará a capacidade de ler e escrever (e vencer a exclusão que o analfabetismo lhe causa). Se Ana pode e consegue brincar, além de buscar resistir, também é um sinal muito favorável, pois há o gosto e perseverança no esforço construtivo.

Em suma, Ana é uma criança que, ainda que tenha vivido os traumas de um abuso e de uma família que se desintegrou, busca, através de estratégias de resistência, sobreviver à aniquilação de sua infância, inocência, vida. E brincar é uma dessas estratégias que possibilita sua sobrevivência psíquica. “E brincar não é só prazer; é essencial ao seu bem-estar.” (WINNICOTT, 2005, p. 55).

A partir desta pesquisa, algumas considerações merecem ser ressaltadas para continuarmos pensando sobre o fenômeno da violência contra crianças e adolescentes:

- O mesmo Estado, com seu aparato institucional e a mesma lei que cuidam, dilaceram, quando permitem que a sociedade não os proteja de fato. Ainda batemos, mutilamos, aliciamos, exploramos, estupramos, machucamos e vendemos essas crianças e adolescentes. Desejamos seus corpos, erotizando-os na mídia, nos prostíbulos, nas casas de aliciamento e nos lares. Vendemos e barganhamos sua pureza e inocência, negociamos seus corpos, ignorando sua fase de desenvolvimento. Acreditamos que eles podem seduzir os adultos e por isso, devem ser punidos das maneiras mais impensáveis. Em nome do mercado, de deus e de cultura eles são subserviados aos desejos e demandas adultas, colocando-os na posição de coisa, objeto, ao qual é possível se fazer o que for desejo do adulto. Ainda acreditamos que a melhor maneira de educar uma criança é fazendo uso da força física, até porque, biblicamente ela se justifica. *O que não faz uso da vara odeia seu filho* ainda é uma realidade em muitos lares espalhados pelo Brasil e mundo. Utilizamos objetos para feri-los, em nome de uma pseudo pedagogia

que corrige machucando.

A partir desta pesquisa, muitas outras questões podem surgir, pois é um assunto amplo, complexo e novo do ponto de vista da discussão em educação. Isso porque, como Dolto (2005, p. 93) ressalta: “O que não é dito, expresso não pode ser conhecido pelo seu “observador”, mas o que se passa com o “observado”, indizível e sem referência para o observador, é justamente o mais importante no encontro”.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Gabriella Ferrarese. A violência silenciosa do incesto. – São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Rio de Janeiro: Clínica Psicanalítica da Violência, 2004.

DOLTO, Françoise. A causa das crianças. [Tradução Ivo Storniolo e Yvone Maria C. T. da Silva]. -Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2005.

SANDERSON, Christiane. Abuso Sexual em Crianças. Tradução Frank de Oliveira. M. Books do Brasil Editora Ltda. – São Paulo, 2005.

WINNICOTT, Donald. O ambiente e os processos de maturação: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

\_\_\_\_\_. Consultas terapêuticas em psiquiatria infantil. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1984.

\_\_\_\_\_. Natureza humana. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1990.

\_\_\_\_\_. Da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1993.

\_\_\_\_\_. O brincar e a realidade. Tradução José Octávio de Aguiar Abreu e Vanede Nobre. – Rio de Janeiro: Imago Ed., 1975.

\_\_\_\_\_. Tudo começa em casa. 3ª. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999. \_\_\_\_\_. Privação e delinquência. Tradução Álvaro Cabral. 4ª. Edição – São Paulo: Martins Fontes, 2005a

[1] Seu padrasto.

[2] Nomes fictícios.

[3] Grifo do autor.